

## RELATO RELEXIVO SOBRE AS DINÂMICAS DO INFINITO DESEJO HUMANO DE PLENITUDE E O VELAMENTO KENÓTICO DO MISTÉRIO DIVINO, A PARITR DE UMA PRÁTICA PASTORAL EM GRUPOS DE CATEQUESE

Matheus Aurélio Bernardi\*  
Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin\*\*

**Resumo:** O presente artigo pretende fazer um paralelo entre as vivências pastorais experimentadas dentro dos encontros de iniciação à vida cristã, contextualizadas especificamente na Arquidiocese de Santa Maria / RS e reflexões antropológico-teológicas oriundas de inspirações tidas durante a disciplina de Pastoral Catequética. Objetiva-se analisar como os desejos humanos, em suas mais diversas manifestações, apontam para o fundamental desejo de plenitude em Deus. Em um primeiro momento, apontaremos como o homem hodierno passa por uma profunda crise no sentido de encontrar um caminho que responda verdadeiramente esta inquietação antropológica por plenitude. Na tentativa de preencher-se os homens têm se empenhado em trazer para o centro das atenções os desejos secundários, subordinando aos mais fundamentais o lugar de esquecimento. Seguindo, trata-se da colaboração da visão antropocêntrica para a potencialização do esvaziamento, uma vez que se tenta encontrar no homem aquilo que somente Deus pode suprir. Em um próximo passo, apresenta-se uma reflexão a respeito do modo que pensamos ser mais adequado para iniciar uma relação profunda e verdadeira com Deus, resposta para os desejos que vínhamos tratando: nossa humanidade como ela é. Sem idealizações e nem ilusões secundárias. No ocaso do trabalho refletiremos sobre a relação que há na busca absurdamente intensa de sentido que os jovens enfrentam e o desejo por Deus. Sem dúvida, há um grande problema de linguagem, dado que não se consegue comunicar o Evangelho a quem parece estar mais sedento dele. A postura que desejamos defender para enfrentar esta realidade é aquela que parece ser a ensinada por Jesus: a do esvaziamento de si, enquanto ser dentro do mundo, e a abertura para uma plenitude que não somos capazes de entender ou tocar senão por intermédio da Fé que espera no Amor.

**Palavras-chave:** Catequese. Desejo. Plenitude. Esvaziamento. Superficialidade.

---

\* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina – FAPAS e Acadêmico do sexto semestre do curso de Teologia pela Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: matheusbernardi62@gamil.com.

\*\* Professor de Pastoral Catequética na Faculdade Palotina – FAPAS e Arcebispo Metropolitano de Santa Maria/RS. E-mail: arcebispado@arquism.com.br.

## RELEXIVO REPORT ON THE DYNAMICS OF THE INFINITE HUMAN DESIRE FOR FULLNESS AND THE KENOTIC SEALING OF THE DIVINE MYSTERY, THE PARITR OF A PASTORAL PRACTICE IN GROUPS OF CATECHESIS

**Abstract:** The purpose of this article is to draw a parallel between the pastoral experiences lived within the gatherings of Christian initiation, specifically contextualized in the Archdiocese of Santa Maria / RS and the anthropological-theological reflections arising from inspirations taken during the course of Catechetical Pastoral Care. The aim is to analyze how human desires, in their most diverse manifestations, point to the fundamental desire for fullness in God. At first, we will point out how the human being today is going through a deep crisis in order to find a way to truly respond to this anthropological restlessness for fullness. In their attempt to fulfill themselves, men have tried to bring secondary desires to the center of attention, subordinating the more fundamental ones to oblivion. Furthermore, the anthropocentric vision contributes to the potentiation of emptiness, since it tries to find in man what only God can supply. In the following step, it is presented a reflection about the way we think is the most adequate to begin a deep and true relationship with God, the answer to the desires we have been dealing with: our humanity as it is. Without idealizations or secondary illusions. At the end of this paper we will reflect on the relationship that exists in the absurdly intense search for meaning that young people face and the desire for God. Undoubtedly, there is a big language problem, given that it is not possible to communicate the Gospel to those who seem to be most thirsty for it. The stance we wish to defend to face this reality is the one that seems to be the one taught by Jesus: that of self-emptying, as a being within the world, and opening up to a fullness that we are only able to understand or touch through Faith that hopes in Love.

**Keywords:** Catechesis. Desire. Fullness. Emptying. Superficiality.

### Considerações iniciais

O grande escritor russo Fior Dostoievsky escreve em uma de suas obras que o ser humano tem em seu coração um vazio do tamanho de Deus. Na tradição cristã patrística, o grande Doutor da Igreja Agostinho de Hipona diz algo

semelhante na abertura de sua mais celebre obra: “Nos fizestes para Vós, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em vós” (2018, p. 31). Ambos os autores, cada um de seu modo e em seu tempo, constataam uma realidade que toda antropologia séria e comprometida com a realidade humana defende, isto é, que o homem é, apesar de incompleto, sedento do desejo de plenitude.

Se o ponto de partida para compreendermos a questão for a Revelação, a nossa visão se voltará para os Evangelhos, especialmente para o quarto dentre eles. João, ao longo de todos os discursos de Jesus, de suas atitudes e de gestos, parece querer mostrar-nos aquilo que expressa claramente em João 10,10: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente”. Jesus é aquele que vem do Eterno para que os que passam, sejam eternizados Nele. Por Cristo os homens tornam-se participantes da natureza divina (DV, n. 2).

No entanto, se partimos dos dados antropológicos, nosso percurso será diferente. A inquietude ou o vazio é que saltam aos olhos. Basta que olhemos ao nosso redor para perceber que o homem é naturalmente um ser sedento, inquieto, inconformado. Este dado fica ainda mais visível ao lado das filosofias de Platão, por exemplo. O Grego afirmava em seu livro *O banquete* que amamos as coisas até possuí-las, de modo que assim que as temos, desejamos outras coisas, novas, as que não temos (2003, p. 31). Sempre desejamos aquilo que não temos até possuir.

Neste artigo nos propomos a tratar a questão do ponto de vista do encontro entre estas duas dimensões igualmente pertinentes, ou seja, vamos tratar do desejo humano como ele se apresenta, mas este já iluminado pela luz da Revelação. No entanto, a centralidade desta reflexão reside precisamente no encontro, discernimento e na atitude ante os anseios humanos. Em outras

palavras, abordaremos o encontro, mas de uma perspectiva humana. Essa reflexão será inteiramente 'costurada' pelas vivências e percepções que tivemos nos encontros de catequese que motivaram a redação deste escrito.

## **1 Os desejos humanos: realidade radical x artificialidade ilusória**

O Desejo é um dado antropológico irrenunciável. Em todos os lugares, momentos e circunstâncias onde há homens e mulheres, em algum sentido há desejo. Estes desejos são a expressão da interioridade consciente ou inconsciente das pessoas na dinâmica daquilo que vivem. Neste sentido, podemos dizer que o desejo é o produto do interior e o exterior interagindo (ao menos nesse primeiro momento de nossa argumentação). O que acontece é que tanto na interioridade quanto na exterioridade há variáveis que podem atrapalhar no conhecimento e direcionamento dos desejos para aquilo que, de fato, irá fazer o coração humano repousar e preencher seu vazio.

Nesta primeira parte do texto vamos adentrar na temática propriamente do desejo e da necessidade de autenticidade e sinceridade na maneira com a qual pesamos essas pulsões para que não aconteça que, no lugar de serem um profundo e real encontro com nossa radical realização, o desejo se desdobre em situações artificiais que são apenas paliativos ilusórios que só abafam nossa sede de realização.

### **1.1 Virada antropológica: o homem é a medida de todas as coisas**

Não é estranho a ninguém com mais de trinta anos, ou alguém que venha de cidades interioranas, que a figura do padre encerre uma autoridade muito

grande. Aquilo que sai da boca do sacerdote tem força de obrigação divina. Podemos dizer que esta realidade tem como fundamento a representatividade do padre. O padre, bem como toda a instituição Igreja, figura no imaginário popular como a comunicadora indelével e inquestionável da vontade de Deus (ao menos nos interiores). A autoridade do padre, portanto, não reside nele mesmo, mas sim no Deus que comunica através de seus gestos e palavras.

É interessante compreender que esta visão de autoridade é oriunda das antigas tradições teocêntricas que, em sua origem, não são cristãs. A influência religiosa no mundo ordinário das pessoas, na esfera assim chamada 'civil', remonta a civilizações muito antigas, como os babilônicos ou os próprios israelitas, nossos antepassados na fé (MAZZINGHI, 2017, p. 45-47). As divindades sempre 'funcionaram' como justificadores do poder civil. Foi assim com Saul, que só se tornou rei depois da unção de Samuel (1Sm 10), e também foi assim com os faraós do Egito, sempre considerados filhos dos deuses (MAZZINGHI, 2017, p. 32-33). O fato é que religião e autoridade civil sempre andaram de mãos dadas, e no cristianismo isso não foi diferente. Com a conversão do grande imperador Constantino em 314, o cristianismo passou a receber em seu meio pessoas acostumadas a lidar com política e acordos (FERGUSON, 2017, p. 209).

Assim, aquilo que foi uma realidade para todas as outras grandes religiões do passado, tornou-se também uma marca no cristianismo: passamos, especialmente depois de Teodósio, a justificar a autoridade civil como mediadores da vontade divina. Evidentemente, esta prerrogativa religiosa não tinha só função justificativa, mas também executiva. Os bispos, padres e membros da hierarquia da Igreja passaram a ter, primeiro, uma influência

concreta sobre o povo<sup>1</sup>. Depois da queda dos Estados Pontifícios, em 1870, o Papa Pio IX perdeu completamente sua influência temporal. Desta forma, cada vez mais, a autoridade da Igreja foi rumando da civil para a moral, chegando ao que nosso passado recente conheceu.

Acontece que, desde o fim da Idade Média, o 'centro gravitacional' da vida dos homens foi passando da figura divina<sup>2</sup> para a própria figura do homem, em termos mais técnicos, do teocentrismo para o antropocentrismo. O clássico sofisma de Protágoras de Abdera começava a se estabelecer como novo paradigma cosmovisional. Esse movimento pôde ser observado em muitos seguimentos, tais como nas artes<sup>3</sup>, na filosofia<sup>4</sup> e na política<sup>5</sup>. É a chamada secularização<sup>6</sup> que, pouco a pouco, foi dominando os espaços ditos 'sagrados' da religião no mundo secular.

---

<sup>1</sup> Muitos bispados com poder civil podem ilustrar isso, mas isso fica especialmente claro na criação do *Patrimonium Petri*, quando o rei Pepino, o breve doa os territórios conquistados dos lombardos e algumas outras terras ao Papa Estevão III, no ano de 754 (FERGUSON, 2017, p. 433).

<sup>2</sup> Figura essa que organizava toda a vida pessoal e social, cujos tempos não só figuravam no centro das vilas medievais, mas também no centro das preocupações acadêmicas, artísticas, sociais e políticas.

<sup>3</sup> Especialmente no movimento italiano chamado 'Renascimento', onde a preocupação teológica do medievo como motor de toda empreitada artística, dava lugar à centralidade das figuras antropológicas. São grandes expoentes desta época: Michelangelo, Rafael, Da Vinci, Bernini, entre outros.

<sup>4</sup> O movimento é claro na publicação da obra *Meditações Metafísicas* de Rene Descartes, onde o filósofo francês refunda o chamado edifício do conhecimento, substituindo os paradigmas metafísicos da tradição pelo imperativo *Cogito*.

<sup>5</sup> Na política, o movimento é um pouco mais tardio. Obras clássicas do século XVI ainda colocam sobre a figura de Deus a justificação da autoridade secular. São exemplos dessa compreensão a obra *O Leviatã* de Thomas Hobbes, e os *Tratados sobre o governo civil* de John Locke. É somente com o celebre livro *O contrato social* de Jean-Jacques Rousseau que as esferas civis e teológicas se separam definitivamente. Vale a pena mencionar que alguns autores do XVI's, como Nicolau Maquiavel, souberam instrumentalizar explicitamente a religião dentro do governo do Estado, mas mesmo que instrumentalizada, ainda se reconhecia a fundamental importância da religião na esfera de influência civil.

<sup>6</sup> Diz o Novo Dicionário de Teologia: "Este termo teve origem no tratado de paz denominado Paz de Vestefália (1648), que encerrou a Guerra dos Trinta Anos, para designar a transferência de propriedades eclesiais para as mãos dos príncipes germânicos. Tem ainda, de certo modo, esse significado, quando se considera que a perda do poder temporal pela Igreja é uma das

A razão humana tornou-se, cada vez mais, o critério fundamental da ordem social e da própria autocompreensão humana. Nos tempos de Hegel<sup>7</sup> vimos esta tendência chegar ao seu ápice. A razão humana se sentia capaz de compreender tudo que era real<sup>8</sup>. Evidentemente, esta ideia humana não demorou muito a se fragmentar e provar-se falsa. As duas grandes guerras criaram homens e mulheres céticos quanto ao poder real da 'razão capaz de tudo', de modo que a segunda metade do século XX conheceu pensamentos e compreensões profundamente subjetivistas, existencialistas, e também ateias.

Todos esses movimentos secularizastes moldaram a mentalidade das pessoas que hoje vivem e estão em nossas Igrejas. É claro que, mesmo com toda essa conturbada caminhada, o homem ainda sente o mesmo desejo radical pela plenitude que o Deus revelado em Jesus Cristo oferece. Mas, diante de um homem tão diferente daquele que respeitava a autoridade inquestionável da Igreja como legítima representante de Deus, ao redor do qual toda a existência humana girava, é necessário também repensar o modo de comunicar a mensagem cristã. A autoridade não significa mais muita coisa para o homem atual. Por esta razão, neste próximo ponto, vamos entrar na questão da postura, linguagem e modalidade da transmissão da fé no mundo hodierno. Esta precisa ser marcada pelos princípios do acolhimento, da liberdade, da responsabilidade e do engajamento. Isso tudo, sem pressupor o fundamento radical da essência cristã: o amor.

---

dimensões mais importantes da secularização. [...] a secularização frequentemente se refere ao modo com que a sociedade moderna, em contraste com anteriores, orientadas de uma forma mais religiosa ou transcendental, volta-se mais, ou preferencialmente, para preocupações puramente materiais ou temporais" (FERGUSON, 2009, p. 909).

<sup>7</sup> Pensador alemão do sec. XVIII que sistematizou todo o intento filosófico ocidental na tríade 'Tese, antítese e síntese'.

<sup>8</sup> "Todo racional é real e todo real é racional" (HEGEL, 1997, p. 36).

## 2 Um novo ser humano: nova maneira de se comunicar com Deus

Talvez em outros tempos se diria que uma criança 'ideal' no processo catequético seria a que permanece sempre em silêncio, quieta e prestando atenção naquilo que o catequista fala. Nas experiências que tivemos em nossos encontros, percebemos que esta realidade não é, de fato, verdadeira. Tivemos a sensação de que as perguntas não só são positivas, mas sinais de êxito. Parecenos que quando perguntam, o fazem por alguma inquietação que mexeu com elas. As 'velhas' idealidades no processo de transmissão da fé já não dão conta de responder às vivências atuais.

Aconteceu que em um dos encontros de catequese onde refletíamos sobre a morte de Jesus, depois de um bom tempo refletindo sobre a questão (e de uma total impassividade dos presentes) resolvemos utilizar-nos de um artifício artístico: uma cruz. Ela estava sobre uma folha de papel, na qual os catequizandos eram convidados a escrever o que aquela cruz produzia neles. Houve um silêncio total. Todos observavam atentamente o que cada um escrevia. Alguns foram rápidos ao escrever, outros se demoraram bastante. Depois que acabaram de escrever, dissemos-lhes que poderiam dizer o que quisessem sobre o momento. Um dos catequizandos perguntou: "Não consigo entender qual a razão de Jesus ter morrido na cruz por nós. Por que isso aconteceu? Qual a necessidade disso?"; ao que nos damos conta que a metodologia expositiva que levávamos até então não iria ser capaz de responder à demanda do jovem inquieto. Contamos isso para manifestar uma dinâmica que percebemos ser gritante na geração que agora está passando pelo processo catecumenal. As explicações racionais e sistemáticas tem um valor muito grande, mas falam muito pouco aos jovens de nossa época.



## 2.1 A constante humanidade de Deus em sua relação para conosco

No início desde subtítulo, abordamos a dinâmica da comunicação entre Deus e o homem como uma realidade que precisa ser renovada. Quando dizemos isso, não o falamos da parte divina. Deus sempre se comunicou de um modo profundamente existencial. Os traços antropomórficos alegorizados em Deus pelos escritores sagrados sempre nos mostraram isso. Podemos nos lembrar, por exemplo, de Moises, que “falava com Deus face a face, como alguém conversa com um amigo” (Ex 33,11); ou ainda, quando o profeta Isaías fala do amor de Deus como um amor materno, que ama desde as vísceras, desde o mais profundo de sua existência, desde o local do nascimento do filho (Is 49,15;66,13).

Não podemos nos esquecer também do amor protagonizado pelo Verbo, a plenitude do amor. Jesus falou com categorias profundamente contextualizadas: disse ser o Bom Pastor (Jo 10,14) manifestando seu cuidado atencioso e gentil pelos eleitos; ou ainda quando disse aos apóstolos que eles eram seus amigos (Jo 15,14). Jesus era um mestre sábio, mas também um amigo fiel e paciente; interpelou seus discípulos com perguntas (Mc 8,14-21.27). Aprofundou as parábolas, explicando-as com mais detalhes, com linguagem menos misteriosa e mais concreta (Mc 4,34); ensinou-lhes orações (Lc 11,1-2); disse-lhes ser importante que nunca caminhassem sozinhos, mas sempre em pequenas comunidades (Lc 10,1-20) e, finalmente, deu-lhes aquele que supriria todas as suas fraquezas no conhecimento e no anúncio da verdade: O Espírito Santo (Jo, 15,26; 16,13; At 4,31). Jesus, enquanto revelador do Pai, estava profundamente envolvido e ciente de nossa humanidade (DpC, n. 160). Comunicou-se de modo encarnado. Não teorizou sobre Deus, não tentou

impressionar ninguém, mas sim falou tudo o que ouviu do Pai (Jo 15,15) de modo a ser compreendido pela integralidade de seus amigos, nós homens. Portanto, no que toca a Deus, concluímos que sua iniciativa comunicativa sempre foi absurdamente humana, mas nós nos perdemos de nossa humanidade, conforme expusemos no subtítulo anterior.

## 2.2 A humanidade como ela é: ponto de partida radical para a comunicação com Deus

Em muitos sentidos e oportunidades temos ouvido falar que as novas gerações são fracas, frágeis e inconstantes. O jornalista da BCC Bryan Lufkin diz que as gerações anteriores (nascidas entre as décadas 1940-1980) têm identificado crescentes sinais nos jovens daquilo que consideram ser fraqueza. Há, de fato, um crescimento nas características estabelecidas pelos chamados *baby boomer's*<sup>9</sup>, como 'padrões de fraqueza' nas gerações hodiernas. Isso é bem perceptível nos encontros de catequese. As grandes preocupações das antigas gerações, muito movidas pelas ideias racionais (como comprar uma casa, ter um bom emprego, concluir a graduação, cursar um mestrado, doutorado ou coisas nesse sentido), não estão nem se quer no horizonte de desejo dos catequizandos.

No encontro em que falamos sobre a ressurreição de Jesus, chegamos ao assunto da vida plena. Então, indagamos-lhes acerca do que pensavam a respeito da vida plena. A resposta foi, em um primeiro momento, bastante rasa. Disseram coisas como, ganhar o campeonato de montaria no CTG, passar de

---

<sup>9</sup> Geração que, segundo o jornalista, compreende os nascidos entre 1946 e 1964. Também é justo colocar na lista dos que endossam estes padrões, os chamados *X Generation* que compreende os nascidos entre 1965 e 1980.

ano na escola etc. Mas quando perguntamos 'por quanto tempo isso te fará feliz?' as respostas mudaram muito rápido. Diziam coisas como 'ser empático', 'fazer o bem às pessoas', 'estar em paz comigo mesmo e com Deus' e afins. Uma resposta em especial nos chamou a atenção. Uma jovem de mais ou menos quatorze anos disse que ela 'imaginava' que saberia a resposta quando se sentisse amada por alguém e que fosse capaz de amar de volta. Nesta ocasião chamou-nos a atenção o quanto a experiência contemporânea das relações interpessoais tem uma lacuna que é fundamento para a categoria teológica do 'desejo'.

O jovem afirmou não saber responder à questão exatamente por não ter a experiência do amor em seus horizontes de significados. No entanto, mesmo não tendo consciência clara desta realidade, ele sente que isso completará a sua leitura de sentido, de felicidade e de plenitude. O desejo de amor-relação é traço fundamental para a construção de uma identidade autorreflexiva. Este desejo, por sua vez, é sempre pulsante e atual, de modo que ele não pode ser ignorado. A intensidade desta pulsão interior que clama por amor-sentido é aguda e quando não administrada leva a momentos de muita angústia existencial, conforme observamos nos nossos catequizandos. Neste próximo ponto, explicaremos como pensamos ser o processo de tentar satisfazer o desejo interior por Deus (pensando em última análise) com questões que não comprometam tanto como o seguimento a Jesus Cristo.

### 2.3 O mistagógico desejo de Deus e sua manifestação desordenada em necessidades artificiais

Na experiência que acabamos de relatar, escrevemos sobre uma jovem que ainda não tinha encontrado o significado de vida plena, e ela acreditava que a causa disso é o fato dela não ter feito a experiência do amor. O amor, entendido de modo secular, já é uma realidade bastante comprometedora, mas o amor cristão envolve todo o ser daquele que adere ao senhorio de Jesus. Esta exigência radical não soa bem aos nossos tempos de fluidez e rápidas mudanças. Neste item pretendemos apresentar ainda alguns relatos de experiências em encontros de catequese que nos revelaram como é comum o ‘errar o alvo’ quando se busca responder a esta profunda inquietação interior que falamos anteriormente.

São Cirilo de Jerusalém, em sua primeira catequese mistagógica aos recém iluminados (neobatizados), explica que os mesmos devem renunciar a todo tipo de distração no que toca ao crescimento interior e exterior no conhecimento e vivência da Fé. No sexto ponto, quando fala sobre as ‘pompas’ diabólicas às quais os neófitos acabaram de renunciar em seu batismo, ele fala que uma das estratégias usadas pelo maligno para distrair os crentes do caminho da Fé são as “manias de teatro”. Diz ele sobre isso:

Não se entregue desenfreadamente à mania do teatro, onde se encontram os espetáculos obscenos dos atores, executados com insolência, e com toda sorte de indecências (CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 35).

Quando chegamos a esta parte do ensinamento de Cirilo, inevitavelmente nos confrontamos com a sempre mais crescente influência das artes na vida

humana. Segundo a plataforma digital da revista Exame, cerca de 75% dos brasileiros usam plataformas de streamings todos os dias. Isso significa que uma imensa quantidade de material cinematográfico presente nas plataformas é consumido todos os dias por três quartos da população nacional.

Trouxemos estes dados para introduzir uma realidade muito presente nos encontros de catequese. Sempre que chegamos no local onde ocorrem os encontros, chegamos cerca de vinte minutos antes do início da catequese em si. Observamos que os que chegam antes do horário passam algum tempo em seus celulares, assistindo a séries e filmes muito diversos em seus gêneros.

Numa tarde do mês de maio, por exemplo, nos deparamos com um catequizando assistindo algo bastante violento. Ao indagarmos sobre o que falava a série, ele relatou que a história narrava uma sociedade pós apocalíptica que tentava se defender de zumbis, cuja contaminação se dava através de um vírus<sup>10</sup>. As pessoas sadias deste vírus tinham que se defender das contaminadas, e para isso se usavam de muita violência. Assim que a catequese terminou, a avó do menino chegou para buscá-lo. Conversamos um pouco e perguntamos como ela via o fato de seu neto ter contato com esse tipo de conteúdo tão cedo (o jovem tem cerca de 12 anos). Ela disse que não sabe muito o que fazer. É quase que automático que o jovem assista esse tipo de conteúdo em boa parte do tempo livre que tem, de tal modo que ela disse já estar acostumada.

Noutra oportunidade, enquanto falávamos do ritual da Crisma, e da renovação das promessas do batismo, mencionamos que é parte do rito a renúncia ao mal e a Satanás. Então, um dos catequizandos perguntou-nos se Satanás e Lúcifer querem dizer a mesma coisa. Então, rapidamente explicamos que embora haja origens diferentes para os nomes, tradicionalmente são

---

<sup>10</sup> O nome da série é *The Walking Dead*. Ela já conta com dez temporadas, é uma das mais assistidas no mundo.

usados para nomear o mal personificado. Então ele pediu a palavra novamente e disse que não entendia por que se devia renunciar a *Lúcifer*, se ele era 'tão legal' na série que ela assistiu. Tratava-se da série *Lúcifer*, produzida pela empresa de Streaming Netflix. Ela conta a história de *Lúcifer* tirando férias da função de diabo e indo administrar uma casa noturna em Los Angeles. Ali, *Lucifer* é apresentado com um ar bem-humorado, muito poderoso e inteligente.

Evidentemente que a experiência do mal e a personificação 'bem-humorada' da figura diabólica distam enormemente em questão concreta. No entanto, quando falamos do processo mistagógico de transmissão da fé, pensamos na relevância de determinados atos, gestos e palavras ante o imaginário simbólico dos catequizandos. Perguntamo-nos, portanto, como falar simbolicamente da Fé em Jesus Cristo a pessoas cujos imaginários simbólicos não são capazes de identificar na violência uma contrariedade ao assunto que se tratará dentro da sala de encontro de catequese? Como propor vivenciar a liturgia de modo orante, com jovens que, ao dizerem que renunciam a Satanás e a suas obras, pensam no personagem de poder e personalidade atraente? Dificilmente as categorias nas quais tradicionalmente se pensa a Fé darão conta de transmitir o que significam.

Os estereótipos representados na violência e na sedução bem-humorada de *Lúcifer* são atraentes aos olhos dos catequizandos por muitos fatores. Eles são uma maneira de dinamizar o desejo infinito do interior do homem. No primeiro caso o homem quer ser infinitamente saciado através do poder que a força lhe dá, no segundo, no poder que a sedução, a inteligência e o bom humor lhe dão... Trata-se de se espelhar nos personagens para ter, ao menos no desejo, aquilo que eles parecem ter dentro de suas tramas.

Pensamos que estas sejam precisamente as dinâmicas onde colocamos o nosso contra serviço, aquilo que nos deveria servir para aproximar de Deus. É o 'errar o alvo' que falamos no início deste tópico. Neste próximo ponto, vamos encerrar a discussão falando das dinâmicas de fé que percebemos nos catequizandos. Como sua superficialidade relacional e não comprometida joga em tensão com seu radical entusiasmo quando algo lhes toca.

### **3 Os jovens: a dinâmica entre entusiasmo espiritual e superficialidade pragmática**

Conforme tínhamos falado, os jovens que estão vivenciando agora sua experiência catequética são marcadamente influenciados pelos conteúdos cinematográficos-culturais produzidos pelas grandes empresas do ramo. Disto poderíamos tirar muitas consequências, mas isso exigiria uma análise demasiado longa, por isso nos fixaremos no imediatismo superficial que o advento e a democratização das plataformas virtuais trouxeram<sup>11</sup>.

A imediatez e a superficialidade são duas faces da mesma pobreza humana, própria do tempo em que todas as coisas são 'para ontem'. Byung-Chul Han, falando sobre a sociedade da transparência, faz uma importante constatação a respeito do imediatismo e da superficialidade:

Hoje, o sistema social submete todos os seus processos a uma coação por transparência, para operacionalizar e acelerar esses processos. A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. [...] A negatividade da alteridade e do

---

<sup>11</sup> Com isso não queremos dizer que o movimento digital implique em um mal para a sociedade e para a dinâmica espiritual. No entanto, como todas as experiências humanas, ela tem implicações positivas e negativas. Exploraremos algo que pensamos ter influência na construção da personalidade das crianças no que toca a interiorização e a vivência das dinâmicas próprias da Fé dentro da proposta mistagógica.

alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho (2017, p. 11).

O movimento de dinamizar as coisas, torná-las rápidas é uma estratégia de reduzir o outro ao mesmo, ou seja, de impedir a espontaneidade alheia, tornando tudo dinamicamente veloz. A velocidade exige a unidade, ou melhor, a uniformidade. Nesta exigência, não há espaço para a relação, para o outro, para o alheio. A sociedade veloz e transparente prima pela unicidade da fonte, em nome de um 'pseudo usufruto' das benesses resultantes do processo.

Estando dentro da sociedade que é movida por estas dinâmicas, os jovens que acompanhamos também demonstram traços tímidos do panorama feito por Han. São bastante práticos e pragmáticos. Se não enxergam uma utilidade para as coisas de modo instantâneo, desconsideram-na como importante. Um fato interessante aconteceu no momento da explicação dos símbolos pascais. Falávamos do círio, e enquanto explicávamos o simbolismo das marcas e cravos, um dos meninos ironizou o momento perguntando se, além de tudo isso, a vela iluminava. Todo o significado do simbólico lhe pareceu desprezível, exatamente porque no símbolo resta uma essência velada pelo objeto mediador. O catequizando não foi capaz de ver a beleza ritual daquelas marcas porque jazia velada por materialidade não tão estética.

O filósofo alemão W. Benjamin escreveu em um de seus livros que “para a beleza é indispensável uma integração indissolúvel entre velamento e velado; pois nem o véu e nem o objeto velado são o belo, mas o objeto em seu véu (apud HAN, 2017, p. 51). Nos deparamos, nisto, num grande paradigma: os jovens que estão na catequese, melhor que qualquer geração, tem facilidade para acessar suas inquietações mais profundas, seus anseios. No entanto, em virtude das influências culturais e epocais, não são capazes de parar,



desacelerar, respeitar a distância própria da dinâmica de velamento e entrar em contato com o mistério que não responde, mas envolve a sua existência como um todo.

Em contrapartida, também percebemos um certo entusiasmo de alguns setores da Igreja que impressionam pela força de entusiasmo. Este seguimento não encontra representantes em nosso grupo de catequizandos, por isso, nossa menção a eles está em função da melhor compreensão do momento da Igreja.

A 'nova' proposta da Igreja no Brasil conclama os agentes de pastoral em todos os níveis a retornar às fontes do cristianismo e de lá colher um anúncio querigmático e mistagógico<sup>12</sup>. É notório que na grande maioria dos jovens de influência pentecostal, o caráter querigmático, enquanto anúncio, é bastante encorajado e vivenciado. Experiências como a missão 'Jesus no litoral'<sup>13</sup> ou várias semanas missionária de espiritualidade carismática atestam um forte envolvimento no anúncio, um verdadeiro entusiasmo. No entanto, quando falamos em mistagogia, normalmente os movimentos jovens são insuficientes. Não no sentido que não façam corretamente algo ou negligenciem sua espiritualidade. Muito pelo contrário, são profundamente zelosos espiritualmente, mas trata-se de um zelo emotivo e momentâneo.

Embora o conteúdo mude (antes construtos cinematográficos envolventes e agora religiosidade emotiva) a dinâmica de querer ser possuidor da capacidade

---

<sup>12</sup> "O processo pedagógico é formado por dois eixos fundamentais: o anúncio querigmático e mistagógico dos sacramentos que abrem e fecham o processo de iniciação Cristã" (CARVALHO; GIL, 2019, p. 47).

<sup>13</sup> A missão 'Jesus no litoral' é uma iniciativa da Renovação Carismática Católica, cuja pequena descrição encontramos no site do movimento: "Uma onda missionária inundou as praias brasileiras há mais de uma década: a missão Jesus no Litoral, uma virada radical. Idealizado no estado do Paraná, o projeto renovou o chamado missionário da juventude carismática a partir do anúncio querigmático do Evangelho com um novo ardor ao ir de encontro a veranistas nas praias, moradores locais ou em espaços como hospitais, asilos, presídios, entre outros para fomentar uma transformação social, humana e espiritual".

de se satisfazer permanece (antes com a artificial produção de sentido pelo processo de identificação com personagens e ideais abstratos e despidos de historicidade concreta, e agora com a objetificação de conteúdos misteriosos da religião cristã em formato emocional e preventivo).

### **Considerações finais**

Em poucas palavras, damo-nos conta em nossas experiências em catequese que somos seres sedentos do Infinito. No entanto, o Infinito parece ser uma dinâmica universalmente e necessariamente velada. Trata-se de algo sagrado, profundo, silencioso e absurdamente eloquente, desde que velado. O velamento do Infinito é dado antropológico. Sem o velamento, o Infinito deixa de ser Outro e torna-se o mesmo. A razão não pode tocá-lo para que continue eloquente em seu silêncio. O desejo do Infinito, embora intenso, parece precisar se curvar, e contentar-se com a contemplação e não com o toque. O velamento, aos olhos contemporâneos, parece ridículo. Seja desde o entusiasmo espiritual, ou desde a superficialidade pragmática. É absurdo que a dinâmica própria da realização consista na renúncia da busca que deseja tocar a realização.

Nosso Senhor, no entanto, em sua aparição à Madalena a adverte: “Não me toque” (Jo 20,17). Não se trata mais somente do Nazareno, homem segundo a descendência de Abraão, nascido de Mulher (Gl 4,4). O Jesus histórico foi tocado na Palestina Romana do primeiro século, muitos o tocavam inclusive sem que ele soubesse quem o fez (Lc 8,46). No entanto, o Kyrios, ressurreto e glorioso pede “Não me toques”. Em nossa visão, a razão disso parece ser clara. O mistério não pode ser tocado, o véu não pode ser retirado, o desejo que arde no interior do homem não pode ser satisfeito.

Neste preciso sentido, lembramos de uma das mais celebres realidades manifestas pelo texto da Gaudium et Spes:

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente [...] *Cristo, novo Adão*, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, *revela o homem a si mesmo* e descobre-lhe a sua vocação sublime (n. 22, grifo nosso).

Cristo revelou o homem ao homem, é Ele o modelo e paradigma e é Nele que encontramos o Infinito que nossos humanos corações desejam. No entanto, enquanto viveu a vida terrena, Jesus não se caracterizou pelo *pleroma*, mas sim pela *kenosis*. Parece que, mesmo que esta dinâmica de velamento do sagrado pareça ridiculamente absurda à nossa sociedade, caracterizada pela superficialidade e pela imediatez, é este movimento de esvaziamento contemplativo e esperançoso que habilita o homem entrar em contato com o Mistério Infinito que habita seu interior. Não a externalidade da razão, das emoções ou do desejo de se satisfazer, mas a kenótica disposição de simplesmente contemplar o Mistério. Eis o mais louco e escandaloso paradoxo antropológico: “Quem procurar ganhar sua vida, vai perdê-la, e quem a perder vai conservá-la” (Lc 17,33).

## Referências

AGOSTINHO DE HIPONA, Santo. **Confissões**. Dois Irmãos/RS: Minha Biblioteca Católica, 2018.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, Humberto Robson de; GIL, Paulo Cesar. **Iniciação à vida Cristã e pedagogia catecumenal**. São Paulo: Paulus, 2019.

CIRILO DE JERUSALÉM, São. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2020.

DOLIVEIRA, Matheus. **75% dos brasileiros usam streamings todos os dias**. Disponível em: <https://exame.com/casual/75-dos-brasileiros-usam-streamings-todos-os-dias/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

FERGUSON, Everett. **História da Igreja: dos dias de Cristo à Pré-Reforma**. Rio de Janeiro: Acadêmico, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia do direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUFKIN, Bryan. **Novas gerações são mais frágeis e mimadas?** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60608618>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MAZZINGHI, Luca. **História de Israel: das origens ao período Romano**. Petrópolis: Vozes, 2017.

PLATÃO. **O Banquete**. Pará de Minas/MG: Virtualbooks, 2003.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. São Paulo: Paulus, 2020.

RCC BRASIL. **Jesus no litoral**. Disponível em: <http://rccjovem.com.br/jesus-no-litoral/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SECULARIZAÇÃO. In: FERGUSON, Sinclair B. **Novo dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

VATICANO II, Concílio Ecumênico. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html). Acesso em: 10 jun. 2022.

VATICANO II, Concílio Ecumênico. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 29 jun. 2022.